

FILOSOFIA, EXERCÍCIO DO FILOSOFAR E PRÁTICA EDUCATIVA

Cipriano Carlos Luckesi'

Neste texto, pretendemos discutir contribuições da prática do filosofar para a prática educativa.

Para tanto, vamos iniciar nossa discussão estabelecendo um conceito de filosofia tendo como base o exercício do filosofar e seus fundamentos; em segundo lugar discutiremos algumas indicações do método do filosofar, desde que está nos interessando fazer indicações que possibilitem ao leitor exercitar a sua própria prática de filosofar; por último, chegaremos à exploração de alguns aspectos da filosofia e do filosofar para a prática educativa, tema propriamente deste texto.

Vamos, pois, tentar introduzir-nos na compreensão do que vem a ser filosofia, levando-se em conta, de um lado, o objeto do seu entendimento e, de outro, o seu significado para a existência humana e, no caso, para a prática educativa, na medida em que está na raiz de todas as condutas humanas, desde que estas se direcionam a partir dela. Ou seja, vamos analisar a filosofia como uma forma de conhecer e de conhecimento que aborda, discute e reflete a prática humana cotidiana, nas suas diversas dimensões (existencial, política, social, educativa,...), dando-lhes uma direção.

Importância da Filosofia

Um primeiro ponto básico a ser discutido, ao iniciarmos uma abordagem da filosofia, é sabermos de sua importância, isto é, torna-se necessário discutir se a filosofia faz algum sentido, seja para a vida individual seja para a vida social.

Professor de Filosofia da Educação do Mestrado em Educação da Universidade Federal da Bahia

Em Aberto Brasília ano 9 n 45 jan mar 1910

Quando nos dedicamos a refletir sobre os diversos âmbitos do conhecimento humano, consideramos que todos eles são importantes: a física, a química, a biologia, a economia, a história... São áreas do conhecimento que já se tornaram consagradas e, no geral, não existem mais dúvidas sobre o seu efetivo valor para a vida individual e social. Ninguém mais questiona a sua validade e a sua importância.

Para estarmos cientes dessa atitude das pessoas, basta observarmos que as conseqüências tecnológicas das ciências estão visíveis no dia-a-dia, especialmente das denominadas ciências exatas e biológicas. As ciências estão aí, dando suporte ao entendimento e ao desenvolvimento do moderno progresso humano. Devido a essa manifestação diuturna, não ocorrem dúvidas sobre a importância dessas áreas de conhecimento. Elas se traduzem em efeitos tecnológicos absolutamente observáveis e convincentes.

A filosofia, possui ela importância social semelhante? É visível o valor que se dá a essa prática do pensamento?

No que se refere à filosofia, a honorabilidade e seu possível acatamento não aparecem de imediato e de forma materialmente evidente. Ela não produz resultados tecnológicos e, por isso, não se torna visível de forma observável. Os efeitos da filosofia se dão no espírito e na cultura de um povo ou de um indivíduo; daí não ser facilmente reconhecível.

Sobre as considerações que a sociedade e as pessoas têm para com a filosofia, é possível detectar pelo menos cinco atitudes, sendo que as quatro primeiras são negativas e a última positiva.

Em primeiro lugar, temos aqueles indivíduos e aqueles grupos humanos que consideram a filosofia como alguma coisa inútil e que é produto de mentes diletantes e, deste modo, sem nenhum comprometimento com a existência diária das pessoas.

Esse julgamento do significado da filosofia é manifesto de diversas maneiras. Existem aqueles que dizem que a filosofia constrói castelos de idéias e conceitos que servem somente para preencher o tempo dos que a ela se dedicam. Chegam mesmo a considerar como "malucos", "lunáticos". "os-fora-da-realidade" aqueles que se dedicam ao filosofar.

É dentro desta perspectiva que se pode entender a frase popular, corriqueiramente dita no cotidiano das conversas: "aquele sujeito ali é um filósofo..." Com isso usualmente se quer indicar alguém que se apresenta (seja nas condutas, seja no vestir, ou em outros acontecimentos do dia-a-dia) de uma forma que diverge do comum das pessoas. Esse julgamento será ainda mais exacerbado se o sujeito denominado "filósofo", importar-se pouco com as questões econômicas da sobrevivência. Pareceria que aqueles que se dedicam à filosofia não necessitam de meios para sobreviver.

Comentário semelhante é feito sobre os poetas. Sobre alguém que não está preocupado com os "miúdos" do dia-a-dia (tais como "ganhar muito dinheiro", "ter um apadrinhamento" e coisas do gênero...), popularmente, se diz: "aquele é um poeta", "está sempre com a cabeça ao vento". Coitados dos filósofos e dos poetas!

Aliás, esse tipo de julgamento sobre filósofos e poetas não é novo. Conta-se que Tales, da cidade de Mileto, considerado como o primeiro filósofo ocidental, em tomo do século VI antes de Cristo, estava certo dia, a andar pela rua e, simultaneamente, a contemplar os astros no céu e, então, não vendo um buraco a sua frente, caiu dentro do mesmo. Uma escrava que passava teria dito coisas mais ou menos assim: "Senhor Tales, como quer ver as coisas do céu, se não consegue observar um buraco que está a sua frente?"

As considerações acima demonstram que, no cotidiano, as pessoas não valorizam a filosofia como um saber que tenha um significado definido e importante em suas vidas. Essas manifestações são expressões particulares da forma universal como a sociedade, especialmente através do seu segmento dominante, vê a filosofia. Há um alijamento do saber filosó-

fico por sua possibilidade de despertar a criticidade, devido o mesmo ler condições de desvendar criticamente conceitos e valores que sustentam as ações individuais ou coletivas, conduzindo a tomadas conscientes de novas posições.

Uma segunda atitude em relação à filosofia constitui-se na polidez com a qual, muitas vezes, ela é admitida no seio da sociedade, sem, contudo, ser levada a sério como deveria sê-lo.

Vejamos! Uma primeira forma pela qual essa polidez universal para com a filosofia faz-se presente em situações particulares pode ser detectada numa situação de convívio social. Em uma roda de final de semana, alguém chega e se apresenta como sendo um profissional da área de filosofia; então o comentário polido é mais ou menos o seguinte: "Puxa, para trabalhar com filosofia é preciso ler uma inteligência excepcional, pois essa é uma área de conhecimento muito difícil". Há nessa expressão um elogio para o profissional de filosofia, mas uma forma de dizer que não vale a pena tentar se dedicar à filosofia, por ser uma área de estudo tão difícil, que somente uns poucos privilegiados podem dedicar-lhe atenção. A filosofia, assim sendo, não é para todos, mas para poucos. Parece, então, que o comum dos mortais não deve, de forma alguma, cuidar da filosofia, pois que não vai conseguir chegar ao seu objetivo. Elogia-se a filosofia, através do elogio ao filósofo, porém retira-se a possibilidade de que a filosofia venha a ser alguma coisa interessante e importante para todos.

Ainda dentro desta mesma perspectiva polida de tratar a filosofia, encontramos o falo histórico e social de que as instituições educacionais mantêm cursos de formação profissional em filosofia, sem dar-lhes condições suficientes de desenvolvimento. As universidades, em geral, mantêm um curso de filosofia. "Fica bem", para elas, mantê-los! Contudo, nem sempre ou quase nunca as efetivas condições de sobrevivência e crescimento são garantidas. Praticamente, não há verbas para o desenvolvimento de investigações em filosofia, assim como não há condições satisfatórias para o seu ensino.

Desta forma, a honorabilidade da filosofia permanece fundada quase

que exclusivamente na sua antigüidade; ela foi, no Ocidente, a primeira das formas racionais de conhecimento e, aos poucos, as outras formas de conhecimento foram emergindo e tratando de temas que a filosofia tratava. Em função disso, diz-se que a filosofia foi a "mãe de todas as ciências" e... como "não se joga fora a mãe", também a filosofia não foi posta de escanteio. Ela permanece polidamente admitida, mas não levada em consideração de forma significativa.

Tanto uma como outra forma de "polidez" para com a filosofia revela a atitude de quem não penetra no efetivo significado da mesma. São julgamentos que se referem a aspectos absolutamente exteriores à filosofia e não ao ato de filosofar propriamente dito.

Uma terceira forma de conduta em relação à importância da filosofia é a "blague". Há uma frase secular e folclórica com a qual se define o que seria a filosofia: "A filosofia é a ciência com a qual ou sem a qual o mundo continua tal e qual". É uma blague! Todavia é uma forma de dizer, brincando, que o exercício do filosofar é uma coisa inútil. Ou seja, essa blague é uma forma de expressar a compreensão de que a filosofia é um modo de conhecer que não se sabe de onde veio nem para onde vai. Ao mesmo tempo que expressa uma brincadeira, essa definição manifesta uma postura negativa da sociedade em relação à filosofia. Brincando, ela é definida como inútil.

Uma quarta atitude, paradoxal, em relação à filosofia, é a que assumem, aqui e acolá, os poderes constituídos. Entendem que a filosofia é uma forma de saber que é perigosa nas mãos dos cidadãos e, por isso, deve ser abolida, mas que é importante nas mãos dos poderes constituídos. Isso foi o que ocorreu no Brasil pós-64, por exemplo. O governo militar brasileiro suprimiu o ensino de filosofia nas escolas de ensino médio e dificultou-o nas universidades. Contudo, investiu em especialistas da área do estudo filosófico e político, encarregando-os do estabelecimento do pensamento filosófico-político norteador das ações governamentais. A exemplo, podemos lembrar que o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), que se dedicava a pensar este país do ponto de vista de marginalização, foi suprimido. No entanto, a Escola Superior

de Guerra, instituição tipicamente militar, foi incentivada a alargar suas atividades científicas e culturais, no sentido de estabelecer fundamentos ideológicos para o encaminhamento das ações dos governos militares. A filosofia ou é significativa sempre ou não o é. Por que seria significativa para uns e para outros não? Ai está o paradoxo. Os cidadãos comuns deveriam estar proibidos desse tipo de pensamento, porque crítico; porém os militares deveriam estar instrumentados com um tipo de entendimento filosófico-ideológico, que possibilitaria o norteamento de sua ação. Curioso paradoxo, não?

Isso não aconteceu só no Brasil. Em todos os países, os governos possuem os centros de pensamento filosófico-político. De Gaulle, na França, serviu-se dos trabalhos da Sorbone, por exemplo. A Stanford-University, nos Estados Unidos, foi um centro de produção e irradiação de pensamentos e práticas político-educacionais para os países do Terceiro Mundo na década de 70.

Todas as atitudes, em relação à filosofia, até agora descritas, diminuem ou suprimem o seu valor. Todas elas apresentam um aspecto contraditório entre o "valorizar e o desvalorizar", como fazem as atitudes cotidianas. ou entre o "desvalorizar e o valorizar", como faz a oficialidade.

Evidentemente que a atitude mais correia em relação ao saber filosófico — a quinta atitude — é considerá-lo naquilo que ele tem de propriamente seu. Isto é, assumir a filosofia no seu aspecto essencial de ser uma forma de entendimento necessário à práxis humana, rejeitando, assim, todos os subterfúgios, sejam eles de "polidez", de "blague", de "oficialidade", ou outros.

Leoncio Basbaum expressa bastante bem o sentido da importância da filosofia na vida humana. Ele diz:

"Devemos repelir qualquer idéia de que a filosofia seja um quadro exposto à contemplação passiva do homem, ou, mesmo um entorpecente para mergulhá-lo em doces sonhos etéreos enquanto esquece a realidade da vida e o muito que

há a fazer dentro dela. A filosofia é, antes de mais nada, em primeiro lugar e acima de tudo, "uma arma", uma ferramenta, um instrumento de ação, com a ajuda da qual o homem conhece a natureza e busca o conforto físico e espiritual para a vida. Se o homem realmente se destaca dos outros animais pela amplitude e profundidade do seu pensamento, se tudo o que ele realizou, desde que, saindo da selvageria, começou a construir o que chamamos de civilização, foi a concretização desse pensamento que, evoluindo, se transformou. através do tempo e do espaço; não há dúvida de que esse pensamento, mobilizando os dedos de sua mão, é sua principal arma na conquista da natureza e, portanto, de sua liberdade."¹

Assim, ao nosso ver, a verdadeira compreensão do que vem a ser a filosofia implica assumi-la como uma forma de entendimento da realidade que coloque nas mãos do ser humano uma orientação, um direcionamento para a sua ação. Ela é de fundamental importância para a vida de todos os indivíduos, enquanto seres humanos que desejam encontrar um sentido e um significado para o seu agir.

No que se segue, vamos tentar definir a filosofia a partir desse último ponto de vista.

O que é a **Filosofia**

Desde que recusamos as formas implícitas ou explícitas de diminuir ou alijar a importância da filosofia e afirmamos o seu eletivo significado para a vida humana, importa, agora, conseguirmos esclarecer o que ela é, como ela pode ser compreendida.

Jaspers, em seu livro **Introdução ao Pensamento Filosófico**, compreende a filosofia da seguinte maneira:

"Seja a filosofia o que for, está presente em nosso mundo e a ele necessariamente se refere.

BASBAUM. Leoncio Sociologia do materialismo. São Paulo: Ed Símbolo. 1978. p. 302-303

Certo é que ela rompe os quadros do mundo para lançar-se **no** infinito. Mas retorna ao finito, para aí, encontrar o seu fundamento histórico sempre original.

Certo é que tende aos horizontes mais remotos, horizontes situados para além do mundo, a fim de ali conseguir, no eterno, a experiência do presente. Contudo, nem mesmo **a** mais profunda meditação terá sentido se não se relacionar à existência do homem, aqui e agora.

A filosofia entrevê os critérios últimos, a abóboda celeste das possibilidades e procura, à luz do aparentemente impossível, a vida pela qual o homem poderá enobrecer-se em sua existência empírica."²

Esse pensador nos mostra que a filosofia é uma forma de compreender O dia-a-dia da história, a cotidianidade do mundo, os seres humanos com suas aspirações, desejos, grandezas e misérias; essencialmente, ela é a "via pela qual o homem poderá enobrecer-se em sua existência empírica".

Ainda que a filosofia construa entendimentos da realidade que possam parecer abstratos, eles são efetivamente concretos. Eles nascem da realidade e, para abarcá-la na sua universalidade, necessitam ultrapassá-la. formulando compreensões que se universalizem. Isto é, a filosofia reflete sobre os dados concretos do dia-a-dia, porém, para cumprir o seu papel, necessita de descolar-se dessa realidade empírica, para, no nível do pensado, deslindá-la e, assim, possibilitar ao ser humano uma orientação segura para a sua prática. Deste modo, e tão-somente deste modo, é que a filosofia pode ser significativa para o ser humano, individual ou coletivo. Pensando o concreto, ela constitui um entendimento coerente e crítico que possibilita o direcionamento da ação prática cotidiana. Assim sendo, ela "dá forma" à ação.

No dizer de Leoncio Basbaum,

"(...) a filosofia não é, de modo algum, uma simples abstração independente da vida. Ela é, ao contrário, a própria manifes-

² **JASPERS. Karl Introdução ao pensamento filosófico. São Paulo Cultrix. 1978. p. 138**

tação da vida humana e a sua mais alta expressão. Por vezes, através de uma simples atividade prática, outras vezes no fundo de uma metafísica profunda e transcendental, mas sempre dentro da atividade humana, física e espiritual, há filosofia (...). A filosofia traduz o sentir, o pensar e o agir do homem. Evidentemente, ele não se alimenta de filosofia, mas sem dúvida nenhuma, com a ajuda da filosofia."³

É exatamente isso que Georges Politzer diz quando define a filosofia como "uma concepção geral do mundo da qual decorre uma forma de agir"⁴ No caso, o pensamento filosoficamente constituído é uma forma coerente e sistematizada de compreender o mundo, possibilitando, conseqüentemente, um modo coerente e articulado de agir.

Todos têm uma forma de compreender o mundo, especialistas e não-especialistas, escolarizados e não-escolarizados. Ela é uma necessidade para o ser humano, pois que ninguém age nem pode agir sem saber "para onde" e "porque vai". Só se pode viver e agir, com certa adequação, a partir de um entendimento do significado do mundo e da realidade. Pertence à racionalidade humana, buscar um sentido, um significado para a sua vida e a sua forma de agir.

Esse lato é tão verdadeiro que, de um lado, encontramos as obras filosóficas, construídas historicamente pelos mais variados pensadores, no esforço de entender e direcionar a vida; e, de outro lado, encontramos todas as pessoas procurando um sentido para suas existências. Vivemos e agimos a partir de um sentido, que normalmente se coloca como finalidade a nossa frente.

Arcangelo Buzzi expressa, em seu livro **Introdução ao Pensar**, a universalidade da necessidade da filosofia para a vida humana, da seguinte forma:

³ BASBAUM Leoncio Op. cit. p.21.

⁴ POLITZER. Georges **Princípios fundamentais de filosofia**. São Paulo: Hemus. s. d. p. 15

"(...) conscientemente, ou inconscientemente, explícita ou implicitamente, quem vive possui uma filosofia, uma concepção do mundo. Esta concepção pode não ser manifesta. Geralmente ela se aninha nas estruturas inconscientes da mente. De lá ela comanda a vida, dirige-lhe os passos, norteia a vida. A vida concreta de todo homem é, assim, filosofia. O campônio, o operário técnico, o artista, o jovem, o velho, vivem todos de uma concepção do mundo. Agem e se comportam de acordo com uma significação inconsciente que emprestam à vida. Neste sentido, pois, pode-se dizer que todo homem é filósofo. Não podemos porém dizer que todo homem é filósofo no sentido usual da expressão."⁵

De fato, todos vivem a partir de um direcionamento significativo do mundo e da vida, por isso todos poderiam genericamente, ser denominados "filósofos", desde que todos pensam e agem por um conjunto de conceitos e valores; contudo, a ser levado em consideração o significado crítico de filosofia, nem todos poderão ser chamados de filósofos, desde que, para tanto, torna-se necessário um exercício crítico de pensar, utilizando um certo rigor na reflexão.

O que pode ser dito, com propriedade, é que todos vivem a partir de significações de uma forma mais consciente ou menos consciente; mas a filosofia, propriamente, é uma forma consciente e crítica de pensar e de agir.

A filosofia, propriamente dita, como forma consciente e crítica de compreender o mundo e a realidade não se confunde, de maneira alguma, com o fato de se estar "investido" inconscientemente de conceitos e valores adquiridos a partir do "senso comum". Contudo, cada ser humano pode e deve aprender a pensar criticamente o mundo, elevando o seu nível de entendimento e de compreensão da vida e de sua forma de conduzi-la.

⁵ BUZZI. Arcangelo. **Introdução ao pensar**. Petrópolis Vozes, 1973. p. 8

O próprio Arcângelo Buzzzi acrescenta à citação anterior o seguinte:

"A palavra filósofo ficou reservada para aqueles que consciente e deliberadamente se põem a filosofar. Escolhem um método, sistematizam os conhecimentos obtidos, arquitetam um sistema interpretativo da realidade. Filósofo é, então aquele que diz em conceitos e em linguagem apropriados a experiência do ser. Os conceitos e a linguagem não estão à margem do vivido. A filosofia vasada na linguagem conceitual é profundamente solidária com a vida, com a existência. Ela marca o desejo, a ânsia que o homem tem de elucidar a sua circunstância existencial."⁶

Deste modo, o ideal da filosofia não será, de modo algum, manifestar-se como uma forma inconsciente de compreender e orientar a ação; o seu objetivo, pelo contrário, é ser um modo consciente e crítico de pensar e direcionar a vida. Quanto mais consciente e livre for o ser humano, para, a partir da própria circunstância social e histórica em que vive, compreendê-la, tanto mais coerente e sistemática será a filosofia. O fato de um comprometimento inconsciente com valores que dão sentido e direcionam a vida, do ponto de vista da filosofia, só tem o mérito de nos demonstrar que ninguém passa a vida sem estar envolvido com princípios fundamentais da ação.

O pensar comum, cotidiano, para vir a ser filosofia, deverá ganhar um outro patamar de criticidade e coerência. A filosofia possui um patamar de reflexão completamente diferente daquele que possui o senso comum.

Antonio Gramsci, pensador italiano, nos alerta para o fato de que produzir a crítica da forma comum e cotidiana de pensar torna-se uma necessidade para a construção de uma compreensão filosófica no seu verdadeiro sentido.

"Crítica a própria concepção de mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até um ponto atingido

⁶ id. ib. p. 9.

pelo pensamento mundial mais desenvolvido. Significa, portanto, criticar, também, toda a filosofia existente até hoje, na medida em que ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular."⁷

O objetivo da filosofia e do seu exercício, para Gramsci, é de que se busque descolar os "simples" de sua filosofia do senso comum, objetivando "conduzi-los a uma concepção de vida superior."⁸

Aqui cabe perguntar qual é o objeto primeiro da reflexão filosófica. Vimos falando e dizendo que ela se constitui um tipo de conhecimento que dá sentido e orienta a vida humana. Todavia, como ela faz isso e a partir do quê?

A filosofia tem por seu objeto de reflexão os sentidos, os significados e os valores que dimensionam e norteiam a vida e a prática histórica humana. Assim sendo, nenhum indivíduo, nenhum povo, nenhum momento histórico vive e sobrevive sem um conjunto de conceitos que significa a sua forma de existência e sua ação. Não há como viver sem se perguntar pelo seu sentido; assim como não há como praticar qualquer ação, sem que se tenha que perguntar pelo seu significado, pela sua finalidade. É claro que alguém poderá viver pelo senso comum entranhado em seu inconsciente, sem se perguntar conscientemente pelo seu efetivo significado. Já falamos nisso, porém essa não é uma conduta filosófica, como já temos reiterado anteriormente. A filosofia e o seu exercício no filosofar implicam a pergunta explícita e consciente pelo sentido das coisas, da vida e da prática humana.

Sobre isso, o padre Vaz nos diz:

"A filosofia é a resposta que uma sociedade traz à dupla exigência de refletir criticamente e de se explicar teoricamente

⁷ GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978 p. 12.

⁸ Id. ib. p. 20.

quanto aos valores e representações que tornam inteligíveis, ou pelo menos aceitáveis, para os indivíduos que nela vivem um modo de ser, isto é, um modo de viver e de morrer, de imaginar e de conhecer, de amar e de trabalhar, de mandar e de obedecer, ele, que constitui o legado da tradição, e que os indivíduos devem assumir e, de fato, já assumiram antes mesmo de poder responder por ele, ou justificá-lo diante da própria razão."⁹

Ou seja, a filosofia trata dos fundamentos últimos que dão sentido ao existir humano na história. Não se faz ciência nem educação, não se faz economia nem religião, não se faz política nem se vive familiarmente, não se ama nem se odeia, não se é honesto nem desonesto, assim como não se pratica todas as outras atividades e condutas humanas, sem buscar o seu sentido e significado.

Para aprofundar esse entendimento da filosofia, vamos nos valer da citação do pensamento de alguns autores:

"Os filósofos exprimem sempre, em cada instante, o pensamento de um grupo social, classe ou povo a que pertencem. Eles são os teóricos, os que explicam e interpretam os seus desejos, as tendências e as reivindicações desse grupo, classes ou povos",¹⁰ nos alerta Leoncio Basbaum.

"As idéias ou os princípios dos homens provêm da experiência quer se trate de princípios especulativos, quer dos princípios práticos ou princípios de moral. Os princípios morais variam segundo os tempos e os lugares. Quando os homens condenam uma determinada ação é porque ela os prejudica, quando a enaltecem é porque ela lhes é útil. O interesse (não o interesse pessoal, mas o interesse social) determina, assim os julgamentos do homem no domínio da vida social"¹¹, nos diz G. Plekanov, pensador russo.

⁹ VAZ Henrique Lima. A filosofia no Brasil, hoje. **Cadernos do SEAF**, v.1, n.1, p.7. ¹⁰

BASBAUM. Leoncio Op. cit. p. 53.

¹¹ PLEKANOV, G. **Concepção materialista da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977. p. 20.

Sendo a filosofia a interpretação da experiência humana no aqui e agora da existência histórica dos indivíduos e dos povos, ela é também orientação para o futuro da vida em sociedade. É isso que nos diz Basbaum. no texto que se segue:

"A filosofia é a concretização de um espírito ou de uma idéia que surge como consequência das necessidades de uma época ou de uma classe, em geral de ambas as coisas. Ela se encarrega de justificar este espírito, pela experimentação ou pela razão, no sentido de demonstrar a verdade desse conceito. É seu papel, ainda difundi-la e propagá-la. Sofrendo a influência da história, ela encarrega-se de, por sua vez, influenciar e orientar o curso da história de acordo com o interesse dos inventores ou criadores e propagadores dessas idéias."¹²

Desta maneira, a filosofia não é tão-somente a interpretação do "já vivido" ou "daquilo que está vivendo", mas é também, e principalmente, interpretação das aspirações e anseios dos povos, na medida em que ela se destina a estabelecer fundamentos e direcionamentos para a práxis.

Aqui, a filosofia manifesta-se como impulsionadora da ação, tendo em vista a concretização de determinadas aspirações dos seres humanos, de um povo ou de um grupamento humano. Neste sentido, ela é uma força mobilizadora da ação, é o sustentáculo de um modo de agir. Aliás, esta é a idéia que vimos apresentando como compreensão do que seja a filosofia.

A filosofia, como já dissemos, — confirma Basbaum — "não é apenas um instrumento para a compreensão do mundo e interpretação dos seus fenômenos. É também um instrumento de ação e uma arma política e, como tal, tem sido utilizada, em todos os tempos, consciente ou inconscientemente."¹³

¹² BASBAUM, Leoncio. Op. cit. p 315. ¹³

Id. ib. p. 33.

Em síntese, podemos afirmar que a filosofia é uma forma crítica e coerente de pensar o mundo, produzindo um entendimento de seu significado e do seu sentido, formulando, deste modo, uma concepção geral do mundo, uma cosmovisão da qual decorre uma forma de agir. A filosofia, através da compreensão que produz, constrói uma fonte permanente e crítica de significação e direcionamento da práxis.

O exercício do filosofar implicará que cada um de nós que deseje refletir filosoficamente, tome em suas mãos as significações corriqueiras da existência humana e lhes dê uma significação crítica e consciente. Esse será o assunto do item subsequente do nosso texto.

A Questão do Método no Filosofar

O exercício do filosofar faz-se em três passos fundamentais, que são distinguíveis somente de forma didática, já que na prática eles podem se dar simultaneamente.¹⁴

Como vimos, anteriormente, a filosofia é um processo de pensar a realidade e o mundo de tal forma que ela desvenda criticamente os conceitos e valores que compreendem e direcionam a vida humana assim como, criticamente, ela propõe conceitos e valores que possam e devam orientar a vida humana individual e social. Desse entendimento decorre o caminho metodológico do exercício do filosofar; isto é, a prática do filosofar vai de um inventário dos conceitos e valores que no momento "explicam" a vida humana, passando por sua crítica e chegando a uma proposição de novos conceitos e valores, que incorporam os anteriores, por superação.

Esses três passos podem se dar, e certamente se dão, de uma forma dinâmica, de tal modo que na medida em que começamos a inventariar

¹⁴ Sobre a questão do método no filosofar, vide GRAMSCI. Antonio Alguns pontos preliminares de referência. In: GRAMSCI, Antonio. Op. cit, p. 11-30.

Numa perspectiva teórica diversa da de Gramsci: BORHEIM. Gerd. Introdução ao filosofar: Porto Alegre Ed Globo s.n l.

os conceitos e valores que gerem a compreensão e o direcionamento que damos à realidade, ao mesmo tempo já estamos procedendo a crítica desses elementos e vislumbrando a proposição nova que estamos desejando sistematizar e apresentar. Então, didaticamente, podemos entender e seguir sequentemente esses três elementos; como passos, porém, no processo do filosofar propriamente dito, eles não se dão de modo separado e distinto como indicamos acima. O resultado final do nosso exercício do filosofar, que será o nosso pensamento filosófico constituído, usualmente se apresenta como um discurso que, a partir de uma crítica do existente, encaminha novos entendimentos e novos caminhos para a ação.

Observando-se o exercício do filosofar dos pensadores clássicos, que foram consagrados como filósofos, percebemos que eles processam esse caminho. Só para citar alguns: Aristóteles inventariou o pensamento de sua época, criticando-o, para avançar em sua compreensão dessa realidade; Kant, em sua **Crítica da Razão Pura**, retoma os conceitos anteriores sobre o conhecimento, critica-os e propõe nova perspectiva; Herbert Marcuse, em suas obras **Ideologia da Sociedade Industrial e Eros e Civilização**, toma os conceitos e valores da sociedade industrial, critica-os, e reencaminha um entendimento da necessária compreensão humana da vida em sociedade. E, assim, outros!

Temos, pois, uma trilha metodologicamente feita no processo histórico do filosofar. Importa compreendê-la e exercitá-la no nosso cotidiano de meditação filosófica: meditação necessária a todos nós, se, conscientemente, desejamos assumir uma direção crítica para nossa prática diante do mundo e da vida.

Assim sendo, a primeira coisa a fazer, no exercício do filosofar, é dar-se conta dos conceitos e valores que estão "explicando" e dirigindo nossa prática. É o momento de inventariar conceitos e valores que se tornaram comuns em nossa prática e que estão dando forma às nossas condutas afetivas, intelectuais, morais, políticas, familiares,... Não há como estabelecer uma crítica dos nossos conceitos e valores se nós não os conhecermos, se nós não temos ciência de que são eles que estão informando o nosso modo de ser e agir.

Tendo ciência dos conceitos e valores que "explicam" e gerem nossas vidas, importa fazê-los passar pelo crivo de nossa crítica, perguntando se eles, de fato, são significativos para nossas vidas no mundo; se ainda aceitamos esses conceitos e valores como aqueles que são importantes para dar significado ao nosso modo de ser e de conduzir. É uma situação de dúvida e de crise.

Todavia, como não vivemos sem conceitos e valores que direcionem nossas práticas, assim como não vivemos sem o ar que respiramos, necessitamos reestabelecer conceitos e valores para que dêem forma e direcionem nossas práticas. É o momento da reelaboração dos conceitos e valores no processo do filosofar. É o momento do estabelecimento de entendimentos novos, de caminhos críticos e conscientes.

Deste modo, todos nós podemos e devemos filosofar, na medida que todos nós necessitamos de conceitos e valores para viver e dirigir nossas práticas.

Esse inventário que critica a reelaboração de conceitos e valores não será simples, certamente. Esse processo exigirá cuidado e atenção de cada um de nós, assim como não poderemos dispensar a ajuda que os pensadores clássicos da filosofia podem nos oferecer para compreender o processo que estamos querendo trilhar. Não diríamos que, sem o conhecimento dos clássicos, não se pode filosofar. Contudo importaria ter claro que eles são auxiliares fundamentais desse processo, na medida em que já trilharam esse caminho e deixaram "luzes" que podem ser utilizadas, desde que tomadas, também, de forma crítica. Não é porque foram os clássicos que disseram alguma coisa que devemos tomá-la como dogma. Os dogmas não existem; o que existe é o mundo e a realidade a ser interpretada. Esse é o limite, porque é o próprio objeto de investigação! O mais, são meios auxiliares.

Conseqüências do Filosofar para a Prática Educativa

Historicamente, podemos dizer que a filosofia e o exercício do filosofar sempre tiveram conseqüências para a prática educativa, na medida em que os diversos sistemas e pensamentos filosóficos produziram encami-

nhamentos para a educação, assim como pedagogos praticaram o filosofar sobre o seu objeto específico de trabalho — a prática educativa —, produzindo crítica e direcionamentos novos para as diversas atividades comprometidas com processos educativos.

Não nos interessa, aqui, trabalhar com as conseqüências dos pensamentos e dos sistemas filosóficos para a prática educativa. Estamos mais interessados em convencer cada educador a dedicar-se à investigação filosófica em torno do seu próprio objeto de trabalho na medida mesma em que opera com esse objeto; ou seja, importa que cada educador tome em suas mãos o seu cotidiano e medite sobre ele; verificando e criticando os conceitos e valores que o informam e o direcionam, assumindo criticamente o seu modo de ser e agir como educador.

Cabe a um educador questionar permanentemente sobre o objetivo de seu trabalho, sobre os sujeitos de sua prática, sobre o sentido dos procedimentos que utiliza, sobre o que é conhecimento, sobre efetividade, sobre métodos, sobre os conteúdos que veicula, e tantos outros objetos que estão comprometidos com sua prática.

Os objetos de meditação filosófica para o educador não estão distantes de suas condutas; não são objetos abstratos. Ao contrário, são os fenômenos, acontecimentos e fatos que estão imediatamente juntos de si, diretamente articulados com a materialidade de sua ação.

Todos nós, educadores, podemos e devemos exercitar essa prática do filosofar. Se necessitarmos — e certamente que necessitaremos —, não há porque não nos utilizarmos dos autores clássicos ou autores consagrados, para que nos auxiliem na compreensão e aprofundamento de nossa meditação. Como já dissemos, eles trouxeram "luzes" sobre alguns dos objetos de reflexão a respeito dos quais nos debatemos. Então podem nos auxiliar.

Assim sendo, a filosofia e o exercício do filosofar têm conseqüências diretas e imediatas para nossa prática educativa, na medida em que atuam buscando e produzindo fundamentos que dêem direção ao nosso agir. Aliás, como em tudo o mais na vida humana, também na prática educativa não se age sem filosofia.

a qual o Estado é que funda a sociedade.³ Um passo revolucionário, explosivo.

e tudo começa quando se diferencia a posição dos homens nas relações de produção. Escravos... e donos de escravos. Proprietários da terra... e os que nela trabalham, subjugados pelo proprietário. Tais diferenciações se fazendo nas relações de produção, determinando a formação de classes. De classes sociais antagônicas em luta. Surge, assim, o **Estado**. Este Estado que é, precisamente, a institucionalização da classe mais poderosa que dá sua marca autoritário-econômica, através de organismos de dominação política, com estruturas jurídicas, com tribunais, com forças repressivas etc. Uma máquina para o exercício do poder, da ditadura de uma classe que é minoria, sobre a outra que é maioria.

Um Estado, contudo, que não é evolução geral do espírito humano, mas que tem suas raízes nas relações materiais dos homens. Diz Marx no segundo prefácio de 1859 da **Contribuição para a crítica da economia política**:

"Minha pesquisa chegou à conclusão de que as relações jurídicas, bem como as formas do Estado não podem ser compreendidas por si só nem pela assim chamada evolução geral do espírito humano, mas tem suas raízes nas relações materiais da existência e que a anatomia da sociedade civil deve ser procurada na Economia Política."

Ainda, no mesmo prefácio:

"O conjunto dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, isto é, a base sobre a qual levan-

(...) para Hegel, não há sociedade civil se não existir um Estado que a construa, que a componha e que integre suas partes: não existe povo se não existir o Estado, pois é o Estado que funda o povo e não o contrário .."

'(...) Para Rousseau, o Estado dissolve-se na sociedade e a sociedade civil triunfa sobre a sociedade estatal Para Hegel, ao contrário, é o Estado que triunfa sobre a sociedade civil e absorve esta No pensamento de Hegel esses dois momentos — Estado e sociedade civil — são distintos só como conceitos, pois ele tem uma concepção organicista do Estado " GRUPPI. Luciano, op. cit. p. 24.

ta-se uma superestrutura jurídica e política, à qual correspondem formas determinadas na consciência social"

Com Gramsci, um grande avanço, para o materialismo histórico-dialético. através de sua **Teoria Ampliada de Estado**.

O Estado em sentido amplo é formado pelo que define como **sociedade política** mais **sociedade civil**. Por aí, já se percebe uma distinção do que significa "sociedade civil" para o pensador italiano e para Marx. Para este, como para Engels (o que nesse aspecto seguem essencialmente Hegel), "sociedade civil" designa sempre o conjunto das relações econômicas capitalistas, ou em outras palavras, é sinônimo de infra-estrutura ou base material.

"A sociedade civil compreende todo o intercâmbio material dos indivíduos numa determinada etapa do desenvolvimento das forças produtivas."⁴

Em Gramsci, ao contrário, o termo "sociedade civil" designa um momento. ou uma esfera da superestrutura. Desta feita, a superestrutura se constitui em "sociedade civil" mais "sociedade política". Esta, representando a **máquina estatal**, pela qual uma classe exerce a dominação direta. É **coerção** é disciplina dos grupos que não aceitam nem ativa, nem passivamente, os objetivos dominantes. Aquela, representada pelos **aparelhos de hegemonia** ou organismos de participação política da sociedade, responsáveis pela elaboração e/ou difusão de ideologias que permitem a uma classe impor-se como dirigente, assegurando-lhe a direção cultural e política. Tais aparelhos compreendem o sistema escolar, os parlamentos, as igrejas, os partidos políticos, as organizações profissionais. os sindicatos, os meios de comunicação, as instituições de caráter científico e artístico, etc.

"(...) a sociedade civil como conjunto de organismos chamados "privados" e que correspondem a função de "hegemonia" que o grupo dominante exerce em toda a sociedade."⁵

⁴ MARX. Karl e ENGELS F **Ideologia alemã**, p. 99.

⁵ GRAMSCI. Antonio **Os Intelectuais e a organização da cultura**, p. 11.